

**BEM VIVER E PÓS-DESENVOLVIMENTO: A DESCONSTRUÇÃO DO
IMAGINÁRIO COLONIALISTA DAS COMUNIDADES AFROLIMONENSES DA
COSTA RICA****GOOD LIVING AND POST-DEVELOPMENT: THE DECONSTRUCTION OF THE
COLONIALIST IMAGINARY OF THE AFROLIMONIAN COMMUNITIES OF
COSTA RICA****BUEN VIVIR Y POST DESARROLLO: LA DECONSTRUCCIÓN DEL
IMAGINARIO COLONIALISTA DE LAS COMUNIDADES AFROLIMINIANAS EN
COSTA RICA**

Liliane Cristine Schlemer Alcântara¹
Luz Marina Vásquez-Carranza²

RESUMO

Diante do paradigma da cultura antropocêntrica, propõe-se a desconstrução do imaginário colonialista por meio do modelo pós-desenvolvimentista do Bem Viver. O objetivo foi analisar indicadores de Bem Viver presentes nas práticas comunitárias afrolimonenses da Costa Rica desde a perspectiva decolonial. Metodologicamente utilizou-se pesquisa bibliográfica e descritiva no recorte 2020 a 2022. Os resultados demonstraram que além da filosofia Ubuntu dos povos negro-africanos, indicadores do Bem Viver estão presentes nas práticas afrolimonenses, essencial para o bem-estar e protagonismo comunitário. Mais que uma forma de resistência, corrobora para manutenção da identidade cultural e saberes ancestrais.

Palavras-chave: Bem viver; Pós-desenvolvimento; Decolonização; Afrodescendentes.

ABSTRACT

Faced with the of paradigm anthropocentric culture, it is proposed the deconstruction of the colonialist imaginary through the post-development model of Good Living. The aim was to analyze indicators of Good Living present in Afro-Limonense community practices in Costa Rica from a decolonial perspective. Methodologically, bibliographical, and descriptive research was used from 2020 to 2022. The results showed that in addition to the Ubuntu philosophy of black African peoples, indicators of Good Living are present in Afro-Limon practices, essential for well-being and community leadership. More than a form of resistance, it supports the maintenance of cultural identity and ancestral knowledge.

Keywords: Good living; Post-development; Decolonization; Afro descendants.

¹Doutorado em Desenvolvimento Regional (PPGDR/FURB). Professora da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cuiabá, Mato Grosso. Brasil. E-mail: lilianecsa@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8502-720X>

²Doutorado em Linguística Aplicada (Boston University/EUA). Professora Catedrática da Carreira de Bacharelado e Licenciatura de Ensino de Inglês. Sede de Ocidente, Universidade de Costa Rica. Costa Rica. E-mail: luz.vasquez@ucr.ac.cr. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6378-1671>

RESUMEN

Frente al paradigma de la cultura antropocéntrica, se propone la deconstrucción del imaginario colonialista a través del modelo posdesarrollista del Buen Vivir. El objetivo fue analizar indicadores del Buen Vivir presentes en las prácticas comunitarias afrolimonenses en Costa Rica desde una perspectiva descolonial. Metodológicamente se utilizó investigación bibliográfica y descriptiva entre 2020 y 2022. Los resultados demostraron que además de la filosofía Ubuntu de los negros-africanos, indicadores del Buen Vivir están presentes en las prácticas afrolimonenses, esenciales para el bienestar y el protagonismo comunitario. Más que una forma de resistencia contribuye al mantenimiento de la identidad cultural y los conocimientos ancestrales.

Palabras clave: Buen vivir; Postdesarrollo; Descolonización; Afrodescendientes.

Como citar este artigo: ALCÂNTARA, Liliane Cristine Schlemer; VÁSQUEZ-CARRANZA, Luz Marina. Bem viver e pós-desenvolvimento: a desconstrução do imaginário colonialista das comunidades afrolimonenses da Costa Rica. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate**, v. 14, p. 233-254, 23 maio 2024. Doi: <https://doi.org/10.24302/drd.v14.5102>.

Artigo recebido em: 20/11/2023

Artigo aprovado em: 26/04/2024

Artigo publicado em: 23/05/2024

1 INTRODUÇÃO

O conceito de desenvolvimento está associado ao crescimento econômico e, apesar do termo representar uma fonte de emprego e renda, possui um custo ambiental e sociocultural alto. Acreditou-se que para chegar ao tão sonhado desenvolvimento proposto por Truman em 1949, se deveria destruir a natureza e crescer economicamente. Porém, um País, região, comunidade só são desenvolvidas se possuírem recursos naturais capazes de garantir sua biodiversidade e sua sobrevivência sociocultural, política e econômica (Esteva, 2007).

Conforme os Relatórios do Desenvolvimento Humano de 2019 e 2020 evidenciaram, muitas das desigualdades ao nível do desenvolvimento humano têm vindo a expandir-se, uma tendência que se manteve em 2021. Entre outras alterações perigosas à escala planetária, estão as mudanças climáticas; diminuição da mobilidade social; aumento da instabilidade social, entre outros (Relatório de Desenvolvimento Humano, 2019; 2020).

O paradigma da colonização de exploração se perpetua na nossa cultura na apropriação do espaço e na exploração dos recursos naturais sem limites. Os atuais padrões de consumo e produção são incompatíveis com a sobrevivência do planeta. Precisamos mudar nossos modos de vida consumista e produtivista rumo a um desenvolvimento social, econômico, ambiental, político, ético, intercultural, transcendental e multidimensional.

Partiu-se desta premissa para levantar a seguinte questão de pesquisa: qual a importância dos valores ancestrais presentes nas práticas das comunidades afrodescendentes na

desconstrução do imaginário colonialista por meio do modelo pós-desenvolvimentista do Bem Viver, que se contrapõe à cultura dominante eurocêntrica e antropocêntrica?

Sobre o conceito original de Bem Viver se postulam concepções de várias tradições indígenas como *aimará, quéchua, mapuche e guarani*, apropriado por grupos políticos, econômicos e intelectuais, cujas bases filosóficas estão centradas na ideia de viver em plenitude (Alcântara e Sampaio, 2019; 2020) como a filosofia do Ubuntu negro-africano e com práticas identificadas nas comunidades afrodescendentes dos distritos de *Limón, Siquirres, Cahuita e Puerto Viejo* da Costa Rica. Em destaque aos temas que versam sobre: família, espiritualidade, cultura, gastronomia, língua e natureza.

Por meio do Ubuntu, os povos afrodescendentes, possuem um valor central associado ao Bem Viver, cuja filosofia ressalta o princípio de que todos são parte de um todo maior, implicando alto sentido de solidariedade. No sentido literal, Ubuntu significa “eu sou” porque “nós somos” ancorado no valor que a vida em comunidade tem para os povos negro-africanos (Lgboin, 2011). Igual a outras filosofias de vida, o Ubuntu difere significativamente da perspectiva individualista que caracteriza as sociedades capitalistas modernas.

Pelas similaridades do Ubuntu da comunidade afrolimonense com o Bem Viver, procurou-se aprofundar este diálogo, desde suas cosmologias, epistemologias, princípios e objetivos à luz da Teoria Crítica, analisando as formas sociais da sociedade moderna e capitalista das comunidades afrodescendentes. Nobre (2009), sugere a necessidade de se tomar a ação social como mediador entre as estruturas reinantes na economia e os processos de socialização.

O objetivo deste artigo visa analisar indicadores de Bem Viver presentes nas práticas socioculturais e ambientais das comunidades afrolimonenses da Costa Rica desde a perspectiva decolonial. Metodologicamente utilizou-se de pesquisa bibliográfica e descritiva. Os grupos de discussão ocorreram em duas etapas: de 2020 a 2021 com grupos focais; e 2022 com entrevistas para validação dos indicadores.

Estruturou-se este artigo iniciando por esta introdução; em seguida um capítulo sobre a evolução do conceito de desenvolvimento até o pós-desenvolvimento e as correntes alternativas ao desenvolvimento; na sequência uma exposição sobre o Bem Viver e indicadores de Bem Viver; seguindo com os procedimentos metodológicos; estudo de caso das comunidades limonenses da Costa Rica; análise dos indicadores de Bem Viver na perspectiva pós-desenvolvimentista; e finalmente, conclusões e referências que embasaram o referencial teórico desta pesquisa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 DO DESENVOLVIMENTO AO PÓS-DESENVOLVIMENTO

Para Rist (2008) o desenvolvimento é um conjunto de práticas que possui a capacidade de transformação geral e usualmente, leva a destruição do ambiente natural e das relações sociais, tendo o intuito de aumentar a produção de mercadorias direcionadas por meio do mecanismo de troca para a demanda efetiva. Nas últimas décadas, segundo a análise de Ferguson (1994) o desenvolvimento incorporou uma nova concepção com o advento da

globalização, levando as relações de mercado e formas neoliberais de governo a um caráter mundializado.

Segundo Acosta (2016), o posicionamento produtivista e consumista favoreceu práticas destrutivas de exploração e manipulação dos meios naturais. Os modos de operação capitalista desenvolveram e fomentaram concepções inconcebíveis, traçando a natureza enquanto fonte de recursos inesgotáveis. Para o autor, os objetivos econômicos, “uma vez subordinados as leis de funcionamento dos sistemas naturais e as demandas da sociedade, devem mirar o respeito à dignidade humana e a melhora da qualidade de vida das pessoas, das famílias e das comunidades, sem sacrificar a Natureza e sua diversidade” (p. 166).

Desde a década de 1970 surgiram modelos de desenvolvimento com propostas sustentáveis, como o ecodesenvolvimento, que antecede o termo desenvolvimento sustentável. O ecodesenvolvimento pode ser conceituado como um desenvolvimento endógeno que depende das suas próprias forças e possui como principal finalidade oferecer respostas à problemática da harmonização dos objetivos sociais e econômicos do desenvolvimento, por meio de uma gestão prudente dos recursos e meios (Sachs, 1986).

O termo desenvolvimento sustentável é definido como aquele que supre as necessidades atuais sem comprometer as necessidades das gerações futuras (Raynaut; Zanoni, 1993). Entretanto, com a globalização, a busca constante por desenvolvimento de um mundo cada vez mais dinâmico, a fim de satisfazer as necessidades da geração presente resultou no rompimento entre o binômio homem-natureza, tendo como uma das consequências colapsos climáticos e ecológicos (Krenak, 2019).

Em 2021, o Relatório Especial do AR6 2022 (IPCC, 2021), destaca ser indiscutível e inquestionável o papel da influência humana no aquecimento do planeta. O AR6 sintetiza o conhecimento sobre as bases físicas das ciências relacionadas ao clima indicando que as mudanças recentes no clima não têm precedentes ao longo de séculos e até milhares de anos. O Relatório destaca que todas as regiões são afetadas por eventos extremos como ondas de calor, chuvas fortes, secas e ciclones tropicais provocadas pelo aquecimento global. Concluiu-se que o aquecimento de 1,5°C a 2°C será ultrapassado ainda neste século se não houver forte e profunda redução nas emissões de CO² e outros GEE e pode levar até 30 anos para que as temperaturas se estabilizem (IPCC, 2021).

Embora já tenham se somado esforços no sentido de diminuir os impactos causados pelo homem ao ambiente, como a Agenda Mundial adotada durante a cúpula das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável em setembro 2015, composta por 17 objetivos e 169 metas a serem atingidas até 2030, os efeitos das mudanças climáticas se fazem sentir em todo planeta (Nações Unidas, 2021).

Em outubro de 2021, reiterando o acordo firmado em 2015, realizou-se o encontro do G20 em Roma (Itália), endossando os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável - ODS com o apoio da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE, da UN-Habitat, parcerias com empresas, cidadãos, universidades e organizações da sociedade civil, comprometendo-se em somar esforços para alcançar: “[...] padrões de consumo e produção sustentáveis e gestão e redução de emissões, incluindo a adoção de abordagens de economia circular”, e apoio a “[...] ações locais de mitigação e adaptação ao clima” (G20 Declaration, 2021, p. 7). Além de apoiar um planejamento integrado e inclusivo. Em sequência, em

novembro de 2021, ocorreu a 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática, COP 26, em Glasgow (Escócia), onde foi anunciada a transição para energias limpas com a redução de emissões líquidas para zero até 2050, 50% até 2030 e 25% nos próximos cinco anos (Nações Unidas, 2021).

Somam-se esforços de modelos alternativos de desenvolvimento frente aos modos de vida antropocêntricos e desenvolvimentistas, responsável pelas emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE), que têm aquecido o planeta a uma taxa sem precedentes, acelerando as mudanças climáticas (IPCC, 2021). Estes movimentos têm o intuito de diminuir os impactos causados pela crise socioambiental, econômica e sanitária resultantes do COVID-19 e do aquecimento global pela introdução de modelos mais sustentáveis.

No contexto das mudanças climáticas e aumento do capitalismo, surgem correntes pós-desenvolvimentistas e de transição, também chamadas de emergentes, na Europa e na América, como a Economia Social e Solidária (surgiu na Inglaterra no século XIX e chegou ao Brasil no final do século XX); Economia do Estado Social (Pós II Guerra); Economia Ecológica (Século XX); Economia Solidária (Século XXI); Desenvolvimento Humano (SEN, 1989); Medição de Género, Desigualdade e Pobreza (PNUD, 2019); Índice de Felicidade Bruta do Botão (Alaminos e López, 2009); Decrescimento (Latouche, 2012; Alcântara; Sampaio, 2021); Economia de Francisco (Carta Encíclica *Laudato SI'* do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da casa comum, 2015); na América Latina o Desenvolvimento a Escala Humana (Max-Neef, Elizalde e Hopenhayn, 1991) e Bem Viver (Acosta, 2016; Gudynas, 2011), na África, Ubuntu, divulgado pelo arcebispo anglicano Desmond Tutu (Lgboin, 2011; Cattel, 1997), entre outras.

Dentre as economias de transição, uma das práticas vigentes é o Turismo de Base Comunitária (TBC) da Costa Rica representado pela Cooperativa COPRENA R- *Consórcio Cooperativo Red Ecoturística Nacional* - fortalecendo os serviços de turismo nas comunidades, melhorando as condições de vida nas zonas rurais.

Embora o Ubuntu represente as comunidades em questão, optou-se por utilizar indicadores de Bem Viver de Alcântara e Sampaio (2019; 2020), aplicados no Brasil, Honduras e Costa Rica com comunidades afrodescendentes. O Ubuntu, assim como o Bem Viver, trata da conexão de todas as coisas e da continuidade das gerações, enfatizando o grupo sobre o indivíduo e ideais de respeito, harmonia e interdependência (Cattel, 1997).

Embora algumas visões pós-desenvolvimentistas superem as correntes heterodoxas, que miravam os chamados “desenvolvimentos alternativos”, fez-se necessário criar “alternativas ao desenvolvimento”. Para Acosta (2016), este último conceito trata especificamente do Bem Viver. O Bem Viver incorpora a luta dos movimentos sociais dos povos indígenas e comunidades tradicionais como os afrodescendentes e compreende a natureza como um ser vivo detentor de direitos (Gudynas, 2011). Alcântara e Sampaio (2017; 2019; 2020) estabelecem o paradigma biocêntrico do Bem Viver como uma prática dos saberes dos povos tradicionais estabelecendo relações com a natureza, chamado também de *La Madre Tierra* ou *Pachamama* (na mitologia inca está associada a deusa da fertilidade). Este paradigma inclui também os saberes das comunidades afrodescendentes.

2.2 BEM VIVER: CONCEPÇÃO ANDINA E PÓS-DESENVOLVIMENTISTA

A Natureza ou *Pachamama* (La Madre Tierra em espanhol), onde a vida se reproduz e se realiza, tem o direito de ter sua existência plenamente respeitada e a manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos. No entanto, os direitos fundamentais humanos são priorizados ou mesmo superiores aos direitos da natureza. Em direção ao reconhecimento desses direitos, visando a harmonia entre o fator econômico e ambiental, desafia-se o mundo com a proposta de harmonia entre Estado-natureza-sociedade em direção ao Bem Viver (Lalander, 2015).

O fortalecimento do Bem Viver ou *sumak kawsay* (*quíchua*), *suma kamaña* (*aimará*), *kume mongen* (*mapuche*) e os direitos da Mãe Terra, tem sua origem nas comunidades indígenas (Barié, 2014). O Bem Viver é uma filosofia de vida proposta e vivida por comunidades indígenas na América do Sul, especialmente *Quíchua* e *Aimará* na Bolívia e Equador. Sua relevância surgiu no final da década de 1990 (Alcântara; Sampaio, 2017). Para Acosta (2016), trata-se de um modelo pós-desenvolvimentista,

[...] o Bem Viver, enquanto alternativa ao desenvolvimento, exige outra economia. Uma economia sustentada naqueles princípios fundacionais desta proposta pós-desenvolvimentista, entre os que destacamos a solidariedade e a sustentabilidade, além da reciprocidade, a complementariedade, a responsabilidade, a integralidade (todos os seres vivos somos necessários ao planeta), a suficiência (e, de alguma maneira, também a eficiência), a diversidade cultural e a identidade, as equidades e, claro, a democracia (p. 163-164).

O movimento político e teórico do Bem Viver possui significativa presença nos países da Bolívia, Equador, Colômbia, Nicarágua, Venezuela, Panamá, Guiana, Peru, Honduras e México (Moraes; Morais, 2020). O tema tem importante protagonismo na Constituição de 2008 da República do Equador. As políticas do *Plan Nacional para el Buen Vivir 2017-2021 (PNBV)* (SENPLADES, 2017), consideravam a boa condição física e a possibilidade de desfrutar o tempo de ócio de qualidade como parte dos objetivos das políticas de saúde, inclusão social e cultura (Tortosa-Martínez; Caus-Pertergaz; Martínez-Román, 2014).

Atualmente as políticas estão norteadas pelo *Plan de Creación de Oportunidades 2021-2025* organizado em cinco eixos: Econômico, Social, Segurança Integral, Transição Ecológica e Institucional, estabelecendo prioridades para o regime de governo, alinhados com o Plano de Governo 2021-2025 e a Agenda 2030 (Secretaria Nacional de Planificación, 2021).

Neste sentido, para Alcântara e Sampaio (2017), “[...] o Bem Viver relaciona-se a melhoria da qualidade de vida das pessoas (alimentação, vestimenta e habitação, por exemplo), o que se obtém por meio da educação, das relações familiares, trabalho, hábitos e ambiente [...]” (p. 234). Em outras palavras, desde a cosmovisão indígena, o bem-estar sociocultural e ambiental supera o ganho econômico. Para Santos (2018a), a América Latina reagiu à imposição dos modelos de desenvolvimento vigentes.

Essa reação se expressou nas lutas dos povos originários e dos povos africanos escravizados contra a colonização, dominação, escravidão e o seu desaparecimento da história, assim como nas lutas pelas independências e autonomia política dos países descolonizados. Sustentaram essas reações as lutas sociais, as produções teóricas da intelectualidade e da militância de esquerda, direitos e sistemas de justiça comunitários e episódicos governos progressistas (p. 126).

Na Bolívia, o modelo de Bem Viver se estabeleceu constitucionalmente para fins sociais do Estado e constituem uma sociedade justa e harmoniosa, expressa na *Constitución Política del Estado Plurinacional de 2009* (Alcântara; Sampaio, 2019, 2020). As referências ao Bem Viver aparecem na seção sobre as bases fundamentais do Estado onde se abordam princípios, valores e fins do Estado, assumindo e promovendo princípios ético-morais e uma sociedade plural. A forma de compreensão na relação entre o ser humano e a natureza foi formulada e articulada incluindo os princípios da plurinacionalidade e da interculturalidade. Surge ante o caos dentro dos sistemas capitalistas ocidentais onde os bens materiais são valorizados acima do indivíduo e sua comunidade e da satisfação pessoal e espiritual (Alcântara; Sampaio, 2019).

Cabe destacar que embora Equador e Bolívia apresentam a proposta do Bem Viver em suas Constituições, sentem dificuldades para cumprir com seu princípio constitucional, “[...] devido seus governos transitarem por uma trilha neodesenvolvimentista, essencialmente extrativista, apegada a mesma lógica de acumulação capitalista” (Acosta, 2016, p. 238). A mesma lógica se refere a outros países na busca por modelos mais sustentáveis. Para Boff (2014), o Bem Viver propõe a construção de uma nova ética, pautada no comunitarismo, biocentrismo, solidariedade e cosmovisão.

Apesar das constituições reconhecerem a natureza como um sujeito de direitos, esse assunto é pautado de forma diferente em ambas (Maldonado, 2019). Na Constituição do Equador, o Bem Viver é apresentado como um direito que contempla água e alimentação, ambiente saudável, comunicação e informação, cultura e ciência, educação, *habitat* e moradia, saúde, trabalho e seguridade social (Ecuador, 2017.), e permite identificar correspondências entre eles e o *sumak kawsay*. De outro lado, na Constituição Política do Estado Plurinacional da Bolívia, promulgado em 2009, as referências ao Viver Bem aparecem no título sobre as bases fundamentais do Estado onde se abordam os princípios, valores e fins do Estado (art. 8), onde este assume e promove princípios ético-morais de uma sociedade plural (Bolívia, 2008; Alcântara, Sampaio, 2020).

Para Walsh (2007), esta realidade dos países ditos “subdesenvolvidos”, emana da classificação racial da colonialidade do poder e da perspectiva eurocêntrica do conhecimento presente na colonialidade do ser e servem como a força mais forte, simplesmente porque historicamente se rejeitou certos grupos. Neste contexto, enfatiza o conceito da decolonialidade, que surge como forma de evidenciar as lutas dos povos e suas práticas sociais, epistêmicas e políticas. Para Walsh (2005), parte-se “[...] de uma desumanização - do sentido de inexistência presente na colonialidade (de poder, de saber e de ser) - para refletir sobre as lutas daqueles povos historicamente subordinados” (p. 24-25). Para a autora (2005), decolonizar representa uma estratégia além da transformação; visa não apenas a transformação, mas a construção ou a criação, contra a negação e destruição de outras formas de conhecimento. Santos (2018b), afirma que “o colonialismo, enquanto sistema de poder e conhecimento, transformou-se, mas não terminou – continua a operar através de todo tipo de sociabilidades coloniais que atualmente são parte integrante tanto do capitalismo como da dominação heteropatriarcal” (p. 31).

Para Santos (2022), a injustiça é tanto social como ambiental e sistêmica. Neste sentido, Ayala (2016) enfatiza que o Bem Viver em instituições educacionais tem uma grande valia, pois articula direitos humanos com direitos da natureza, contemplando uma educação para todos, visando respeito, proteção e restauração. O conceito de natureza, é de certa forma, uma construção social e desde a colonização tem sido desvinculado do ser humano, e tratado como um fator econômico, proporcionando crescimento e desenvolvimento, se contrapondo a visão

do Bem Viver que comunga a interrelação entre todos os seres. Para Moraes e Morais (2020), a Natureza “[...] é um sujeito de direito, de modo igual ao ser humano” (p.134).

De acordo com Acosta (2009), o Bem Viver, se contrapõe a visão de acumulação de bens como sinônimo de desenvolvimento e progresso, pois esta visão acaba levando a humanidade à autodestruição. Ou seja, é necessário resolver os desequilíbrios existentes e incorporar critérios de suficiência antes de tentar sustentar o planeta à custa do resto da população e da própria Natureza. Entretanto, para libertação da natureza é necessário um esforço político que reconheça o sistema capitalista existente como destruidor das condições básicas para a existência. Acosta (2009) ressalta que muitos governos estão vinculados a visões e práticas neo-desenvolvimentistas, e permanecem na contradição com o espírito do Bem Viver.

Gudynas (2011) ressalta que as relações existentes entre estratégias de desenvolvimento e contexto ecológico são bem estreitas, principalmente em países da América Latina, onde a economia se apropria dos recursos naturais e matérias primas com a desculpa de desenvolvimento, realidade esta que se repete na América Central. Dessa forma, de acordo com Maldonado (2019), o Bem Viver e os direitos da natureza são entendidos ao mesmo tempo que a materialização da teoria pós-colonial e pós-desenvolvimentista latino-americana questiona a modernidade como parte da negação do outro não europeu, tornando-se um novo paradigma político, econômico e cultura, repensando a relação ser humano-natureza-economia.

Já a filosofia Ubuntu, cuja palavra é encontrada nas línguas africanas *xhosa* e *zulu*, vem sendo uma das noções mais recorrentes nos debates recentes sobre a África e negro-africanos. O Ubuntu e o Bem Viver possuem elementos em comum, possuindo um núcleo central que os aproxima nas relações dos seres humanos entre si e entre estes e a natureza, como destaca Silva (2020):

[...] ambos remetem a uma concepção de tempo e a uma relação com o meio ambiente alternativas às hegemônicas na modernidade ocidental. Relacionam-se com uma concepção circular de tempo, na qual as gerações passadas, presentes e futuras estão interconectadas – distinta, portanto, das noções de progresso ou evolucionistas que marcam a modernidade. [...] alternativa à separação antropocêntrica entre os dois que é típica da modernidade (p. 3525).

As cosmologias do Bem Viver do Ubuntu dialogam e expressam o mesmo caráter identitário, modos de vida, visões de mundo, éticas e filosofias, levando a opção de aplicação dos indicadores de Bem Viver, cuja análise prima pela subjetividade e intersubjetividade fugindo aos padrões usuais capitalistas.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e descritiva com uso de grupos focais e entrevistas na província de Limon na Costa Rica. Para levantamento dos dados primários, foram realizadas entrevistas com grupos de discussão por meio de grupos focais, durante o recorte temporal de 2020 e 2021 incluindo um total de 6 grupos (12 adultos e 10 jovens com idade entre 25 e 65 anos) e 10 entrevistas com adultos (8 mulheres e 2 homens com idade entre 35 e 70 anos). Além disso, incluiu-se informações obtidas por meio de observações em atividades sociais, culturais e religiosas dentro dos distritos da província de Limón: *Limón (cantón de Limón)*; *Siquirres (cantón de Pococí)*; e *Cahuita e Puerto Viejo (cantón de Talamanca)*.

Limón é uma província da Costa Rica (figura 1), fazendo fronteira ao norte com Nicarágua e a leste pelo Caribe e Panamá. Faz divisa ao norte com a República da Nicarágua, nordeste com o mar do Caribe, oeste com Heredia, Cartago e San José, sudoeste com Puntarenas e sudeste com Panamá. Possui uma população total de 444.884 habitantes em uma área de 188,52 km². (INEC, 2012). Sua capital é Limón. A província está dividida nos cantões de *Limón, Pococí, Talamanca, Matina, Guácimo* e *Siquirres*. A língua oficial é espanhol, porém se falam outras línguas como inglês e crioulo limonense e idiomas indígenas. No que se concebe como *Alta Talamanca*, vive a população indígena *Bribri*.

Figura 1 – Mapa da Província de Limón (Costa Rica)



Fonte: Maps of World

Uma pesquisa de Vasquez-Carranza (2019) no período de 2018 a 2019, aplicada com 45 famílias afro costarriquenhas (uma por família), para entender o real significado do “ser” afrolimonense e a importância de transmissão da língua vernácula aos descendentes foi a pedra angular que impulsionou a pesquisa atual. Identificou-se a necessidade de levantar outras categorias que indicassem a real demanda das comunidades, resultado da parceria Brasil e Costa Rica na aplicação da matriz de indicadores de Bem Viver de Alcântara e Sampaio (2019; 2020), aplicada pelos autores em comunidades afrodescendentes.

A matriz de indicadores de Bem Viver de Alcântara e Sampaio (2019; 2020) é formada por três dimensões: pessoal (harmonia consigo mesmo); social (harmonia com a comunidade integral); e Integral (harmonia com a natureza) e 17 indicadores: habitação, trabalho, tomada de decisão, religião e crenças, tempo livre e cultura, recursos materiais, emoções, educação, tecnologias de informação e comunicação, fatores produtivos, participação, família, segurança, relações de gênero e jovens, saúde, meio ambiente e pertencimento.

Em 2022, realizou-se a segunda etapa com 6 entrevistas em profundidade para validar os dados obtidos anteriormente. Nesta etapa participaram pessoas com idade entre 58 e 85 anos (sobre valores e práticas da comunidade). Desta última etapa da pesquisa foram identificados dentre os 17 (dezesete) indicadores de Bem Viver, 6 (seis) que na percepção das comunidades afrolimonenses, são fundamentais para seu Bem Viver e por assim dizer, de seu Ubuntu. Em destaque: (1) Pessoal (harmonia consigo mesmo): gastronomia, espiritualidade e cultura; (2) Social (harmonia com a comunidade integral): família e língua; e (3) Integral (harmonia com a natureza) natureza. Os dados obtidos foram analisados e resultaram nas categorias de análise destacadas no quadro 1.

Para os dados secundários, utilizou-se pesquisa bibliográfica com revisão sistemática de literatura utilizando-se palavras-chaves na língua inglesa: *family, spirituality, culture, gastronomy, language and nature* e sua interface com o *Good Living*, utilizando-se para isto bases de dados do Periódico CAPES, *Google Acadêmico, Web of Science* e *Scielo*. Para compreensão da realidade investigada na perspectiva pós-desenvolvimentista do Bem Viver, a pesquisa valeu-se dos fundamentos da Teoria Crítica no levantamento das categorias de análise levantadas na pesquisa de campo. A Teoria Crítica defende que toda teoria e prática estão inter-relacionadas, constituindo uma práxis sendo esta, uma ou a principal categoria na Teoria Crítica (Horkheimer, 1991).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ESTUDO DE CASO: COMUNIDADES AFROLIMONENSES DA COSTA RICA

A comunidade afrolimonense migrou para a Costa Rica entre 1570 e 1870 aproximadamente, final do século XIX, principalmente de ilhas do Caribe, como Cuba, *Jamaica, San Andrés, Santa Lucía, Barbados, Trinidad e Tobago, Haiti e Barbados*. Migraram como pessoas livres para trabalhar na construção da ferrovia e plantações da *United Fruit Company* ao longo da costa do Caribe (Herzfeld, 2016). Estas comunidades se destacaram pelas práticas socioculturais e espirituais e por falarem a língua crioula limonense de herança ancestral africana trazidas ao chegar à costa caribe costarricense. Hoje a poucas evidências de suas línguas ancestrais. Destaca-se que os primeiros afrodescendentes vieram para a Costa Rica durante o período colonial, trazidos pelos espanhóis como pessoas escravizadas (Herzfeld, 2016).

Após 1948, esses povos tiveram nacionalidade costarricense reconhecida e se converteram no que hoje se conhece como afrodescendentes. A língua dominante, espanhol, foi imposta ao povo afro-costarriquenho, quando o governo construiu escolas na província de Limón. Cerca de 47 escolas públicas foram construídas na província em um período de 4 anos e eventualmente substituíram as escolas inglesas construídas pelas colônias britânicas que estabeleceram as igrejas protestantes.

Nessas escolas, apoiadas e administradas por várias denominações religiosas protestantes, *United Fruit Company* e *United Negro Improvement Association (UNIA)*, entre outros grupos, a educação formal era em inglês (Castillo-Serrano 2000). Este foi “um sinal claro da importância dada pelo governo para incutir a cultura dominante, resultando em um processo de colonização, tanto das crenças religiosas, como dos valores e da linguagem” (Vasquez-Carranza, 2020b, p. 12).

Em um estudo preliminar de 2018 a 2019 (Vasquez-Carranza, 2019) com as comunidades de *Limón (cantón de Limón)*, *Siquirres (cantón de Pococí)*, *Cahuita* e *Puerto Viejo (cantón de Talamanca)* com 45 famílias afro-costarriquenhas, identificou-se nos adultos orgulho de sua herança ancestral, incluindo a língua crioula, transmitida aos filhos como forma de manter princípios ancestrais como união familiar, práticas espirituais e culturais.

Entretanto, percebeu-se que a língua vernácula crioula limonense está debilitada entre as gerações mais jovens porque não aprenderam que faz parte de sua identidade. Embora esforços estejam sendo feitos para criar um sistema escrito para o crioulo limonense, alguns jovens afrolimonenses limonenses argumentam que, como sua língua vernácula não possui sistema de escrita, é difícil mantê-lo e revitalizá-lo (Vasquez-Carranza, 2019, 2020a, 2020b).

As duas últimas etapas de pesquisa, no recorte temporal de 2020 a 2021 e posteriormente em 2022, ressaltam a necessidade de manter as práticas da herança ancestral dentro das comunidades limonenses de *Limón*, *Siquirres*, *Cahuita* e *Puerto Viejo*. Foram identificadas pela comunidade e analisadas 6 (seis) categorias dentro dos 17 indicadores de Bem Viver de Alcântara e Sampaio (2019; 2020): família, espiritualidade, música, gastronomia, língua e natureza. Estes indicadores foram descritos ferramentas para manter e reforçar valores e identitários culturais da herança ancestral da comunidade e para fortalecer o processo de decolonização imposta pela classe hegemônica.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS

Na dimensão família se descreve a satisfação com a vida familiar, ressaltando a importância das práticas ritualísticas, principalmente em relação ao respeito pela sabedoria dos idosos, a quem se pede consentimento para a tomada de decisões de toda espécie (econômica, sentimental, religiosa, etc.). São eles que se encarregam de transmitir valores ancestrais tais como as receitas familiares, uso de plantas medicinais, amor pela natureza, espiritualidade e língua crioula limonense.

As avós são quem se encarregam do cuidado com as netas e netos, principais transmissoras dos princípios da herança ancestral, incluindo os “contos de *Anancy*”, transmitidos oralmente e que incluem um personagem ancestral, uma aranha astuta, que consegue escapar impune, conhecida pela comunidade como “trapaceira”. Estes contos são contados em *Kyrol* (uma língua crioula). Outra prática diz respeito às pessoas idosas, ou seja, antes de iniciar qualquer atividade religiosa ou sociocultural, se pede benção fazendo-lhe uma reverência.

No que tange a espiritualidade, destaca-se respeito por diferentes formas de práticas religiosas, pois significa uma conexão com ancestrais (transcendência), esperança e resiliência. A religiosidade traz consigo um vínculo que não tem conotação de um templo, mas um lugar de apoio espiritual à comunidade e solidariedade. Nas comunidades afrolimonenses se praticam diferentes denominações religiosas cristãs, como catolicismo, metodista, adventista, batista, entre outras. Destaca-se o respeito pelas diferentes práticas religiosas, e é comum ver pessoas de diferentes denominações reunidas para atender assuntos familiares, comunitários e sociais, onde cada um aporta sua prática religiosa.

Por outro lado, muitas destas celebrações religiosas nas igrejas protestantes são professadas na língua inglesa, oriunda da migração de pessoas procedentes das colônias britânicas das Antilhas e serve como língua de resistência ao lado da língua crioula. A música gospel é uma forma de resistência e se canta em inglês, com a qual se identificam a maioria das pessoas afrolimonenses, cuja letra é de herança africana, com um ritmo contagioso representando um grito de liberdade das pessoas africanas escravizadas.

A música gospel nasce nas igrejas protestantes e se mantém até os dias de hoje com muita força. Muitas pessoas jovens com grande talento musical formam parte dos grupos de gospel. Incluso se realiza anualmente um festival gospel gratuito para o deleite da comunidade. Para a população afrolimonense, a música é a expressão da vida e está presente em qualquer tipo de evento social, religioso ou familiar, contagiando e alegrando, trazendo um sentimento de pertencimento.

Em relação ao aspecto cultural, identificou-se a música conhecida como *calipso*, declarado patrimônio cultural imaterial em 2012 e se descreve como uma forma de transmitir e manter a cosmovisão, pois relata e denuncia condições sociais e climáticas, além de falar sobre o cotidiano e contar histórias da população afrolimonense por meio da língua crioula.

O *calipso* constitui-se a expressão musical e cultural afrolimonense por excelência. Se diz a música de herança cultural se sente somente por meio da língua vernácula, embora existam canções de *calipso* escritas em espanhol e inglês. Segundo Danny Williams, calipsoniano e dono do grupo *calipso Kawe Calipso*, entrevistado nos grupos focais, “a música calipso é uma forma de manter e transmitir a língua e sentir as pessoas afrodescendentes e uma forma de resistência”. Identificou-se também a cultura preservada no uso das vestimentas típicas cheias de cores e padrões africanos e nos penteados em festas tradicionais e nos cultos protestantes.

No que tange a gastronomia inserido no indicador fatores produtivos e no indicador família é inegável a importância dos alimentos, produtos da terra e mar que fazem parte da cultura. A gastronomia foi influenciada pela cozinha indígena, africana, antilhana e asiática e chinesa, já que Limón é um lugar onde convergem pessoas de diferentes nacionalidades, algumas desde finais do século XVIII (*bribri*, afro, chinesa) e outras que migraram nos anos recentes (principalmente da Europa).

Os pratos e bebidas tradicionais mais conhecidos são: *rice and beans*, *rondon*, *stew beans*, *bamí*, *patí*, *plantintá*, *pan bon*, *bamí fraykiek*, *hiel* (água de sapo), chá de diversas ervas, pão de banana e *dumplings*, feitos a base de ingredientes locais como leite de côco, gengibre e *yuca*, assim como produtos extraídos do mar (carne e ovos de tartaruga, peixe, lagosta, etc.). A pesca é parte essencial do fazer e saber da população afrolimonense. Conforme entrevistas, seus ancestrais chegaram pelo mar e por isso se tem um significado espiritual e de conexão com os mesmos.

Da mesma forma, a língua crioula limonense a qual é de transmissão oral é uma forma de transferir os valores ancestrais e de manter a união entre as famílias, orgulho, herança e identidade cultural. Os participantes destacam o crioulo limonense como manifestação de sua herança ancestral, embora uma porcentagem da população adulta (60 anos e mais) não reconheça que valha a pena por pertencer a geração que viveu no período em que os afrodescendentes obtiveram a cidadania costarricense. A língua vernácula era associada nesta época à falta de educação e sofisticação.

No final do século XX, as famílias afrolimonenses desencorajaram o uso de sua língua vernácula e promoveram a aquisição do espanhol e inglês padrão, já que ambos tinham mais prestígio. No entanto, como afirma um dos participantes dos grupos focais, “*as novas gerações continuarão a usar a nossa língua ancestral porque é uma forma de resistir*”.

Os jovens alegam que seus pais deixaram de insistir no uso da língua crioula, principalmente nas gerações menores de 15 anos. Por este motivo, está se esquecendo de maneira acelerada. Não obstante, alegam estar interessados em reunir esforços para fortalecer e revitalizar a mesma, pois consideram parte fundamental do que significa ser afro. Junta-se a estes fatores, possibilidade das pessoas mais jovens, terem a possibilidade de compreender quando seus pais e avós falam na língua crioula. Esta língua se encontra em todas as partes: na gastronomia, já que os nomes de comidas tradicionais são falados nesta língua; na música *calipso*, pois se escreve e se vive principalmente em crioulo limonense; nos encontros familiares, pois é a língua que se usa nesses espaços.

Finalmente no indicador meio ambiente/natureza e saúde, o destaque foi dado aos produtos que se encontram nos quintais e no mar. Todas as pessoas conhecem sobre os benefícios das plantas medicinais e ervas usadas para chás como: *sofforí*, folhas de manga, folhas de *guanábana*, folhas de limão, *tiva grass*, bambú, *bush tea*; plantas e tubérculos como: banana, inhame, *ñampi*, *yuca*, *hakee*, fruta do pão, *kalalu*, gengibre, quiabo, akee (ou *seso* vegetal), leite e azeite de coco e o chile panamenho. O uso destas plantas foi associado a harmonia, saúde física e mental da comunidade. Por exemplo, insistem na importância de manter em seus quintais e jardins plantas medicinais e afirmam que são pessoas saudáveis e fortes graças as infusões que realizam para prevenir qualquer enfermidade, associadas a saúde espiritual.

No quadro 1 realizou-se uma análise dos indicadores de Bem Viver baseado na revisão de literatura e na matriz de indicadores de Bem Viver de Alcântara e Sampaio (2019, 2020) por um lado; e por outro, na perspectiva da comunidade Limón da Costa Rica.

Quadro 1 – Indicadores de Bem Viver

Supra Dimensões	Dimensões/ Indicadores	Perspectiva epistemológica do Bem Viver	Perspectiva da comunidade Limón
Pessoal (harmonia consigo mesmo)	Gastronomia	Para o Bem Viver, a gastronomia está inserida no contexto da segurança e soberania alimentar, como direito dos povos de definir suas próprias políticas agropecuárias para a produção alimentar, além de proteger e regulamentar a produção e seus mercados domésticos (Alcântara; Sampaio, 2017). Para Acosta (2016), a proposta do Bem Viver “crítica o Estado monocultural; a deterioração da qualidade de vida, que se materializa em crises econômicas e ambientais; a	Importância de produtos alimentícios, da terra e do mar que fazem, como pratos típicos os quais se encontram em todos os restaurantes locais que pertencem a pessoas das comunidades. Incluem em suas receitas ingredientes herdados de seus antepassados, incluindo leite e azeite de coco, banana, yuca, entre outros, como se assinalou no texto. As pessoas geralmente cultivam seus próprios produtos nos quintais, como indica uma das entrevistadas: “ <i>a natureza nos dá tudo que necessitamos para</i>

Supra Dimensões	Dimensões/ Indicadores	Perspectiva epistemológica do Bem Viver	Perspectiva da comunidade Limón
		<p>economia capitalista de mercado; a perda de soberania em todos os âmbitos [...]” (p. 83).</p>	<p><i>sobreviver</i>”. Outra entrevista indica que “[...] <i>se pesca tudo que se vai comer</i>”. Isto demonstra a sustentabilidade e harmonia com o entorno, bem como a soberania e segurança alimentar, pois percebem a natureza como provedora e não como um bem que se deve explorar. Nos quintais se encontram variedade de frutas utilizadas diariamente: mamão, <i>pipa</i>, abacate, manga, <i>yuplón</i>, sapoti, graviola, maçã estrela e maçã d’água, cacau, entre outras.</p>
	Espiritualidade	<p>Para Acosta (2016), é preciso compreender o Bem Viver, enquanto proposta holística, “[...] a diversidade de elementos a que estão condicionadas as ações humanas que propiciam o Bem Viver: o conhecimento, os códigos de conduta ética e espiritual em relação ao entorno, os valores humanos, a visão de futuro, entre outros” (p. 71). Neste sentido encontram-se na Pacha Mama o âmbito de interpretação da Natureza como um espaço territorial, cultural e espiritual. Para Moraes e Morais (2020), o Pachamamismo “[...] reverencia a espiritualidade, a magia, o mito, a natureza sociocultural e estética na construção do saber e do conhecimento” (p.142).</p>	<p>Respeito por diferentes formas de práticas da espiritualidade; conexão com ancestrais (transcendência), esperança e resiliência; vínculo da espiritualidade como um lugar de apoio à comunidade e solidariedade. As igrejas protestantes na comunidade, ao contrário de outras regiões, colaboram para manter os ritos, mitos e cultura da comunidade por meio das músicas gospel com letras que apresentam a resistência da comunidade.</p>
	Cultura	<p>O conceito está inserido em uma determinada identidade cultural, com diversas expressões, mas com núcleo unificador, uma essência em comum (Alcântara; Sampaio, 2017). Neste sentido, o Bem Viver pode ser considerado um sistema aberto a novas influências culturais, gerando uma cosmologia, ou seja, a interculturalidade. O termo Pacha está na centralidade da cultura e da filosofia dos povos originários da região Andina (Moraes, Morais, 2020). Para Walsh (2019), na América Latina, e particularmente no Equador, o</p>	<p>Destaque à música tradicional como o calipso, que faz parte das histórias de vida e do crioulo limonense. Destaque também dado a música gospel, influenciada pelas Igrejas protestantes. Se assinala o orgulho pela vestimenta típica cheia de cores e padrões africanos e penteados: o cabelo faz parte do biotipo afrolimonense do qual se sente muito orgulho. Para as pessoas da comunidade, vestir-se com roupas típicas para ir a igreja é muito importante. Possuem também um traje para enterros e sapatos típicos para homens, além da vestimenta e penteados para</p>

Supra Dimensões	Dimensões/ Indicadores	Perspectiva epistemológica do Bem Viver	Perspectiva da comunidade Limón
		conceito de Interculturalidade “[...] assume significado relacionado a geopolíticas de lugar e espaço, desde a histórica e atual resistência dos indígenas e dos negros, até suas construções de um projeto social, cultural, político, ético e epistêmico orientado em direção à decolonialização e à transformação” (p. 9).	mulheres. Além disso, celebram em 30 de agosto o <i>Gran Prade</i> , festa onde desfilam homens, mulheres e crianças, com trajes típicos de ascendência africana, desenhados especialmente para esta data. Em geral, durante o mês de agosto se celebra a afrodescendência, em diferentes distritos com desfiles. Exemplo: <i>Wolaba Parade</i> em <i>Puerto Viejo</i> .
Social (harmonia com a comunidade integral)	Família	A família é uma dimensão social de grande relevância para o Bem Viver (Alaminos, 2012). Para Torres-Solis <i>et al</i> (2020), toda comunidade é pertencente à família, existindo uma relação de complementaridade e reciprocidade. Morales (2017) reforça que a família é espaço onde é possível alcançar o bem viver a partir do trabalho cooperativo, estabelecendo um vínculo parental de ajuda, paz e harmonia. As relações de parentescos nas comunidades são fortalecidas por meio do trabalho em conjunto, energia positiva e prestígio emanadas (Banegas, Cordero, 2018).	Para a comunidade, a família tem destaque especial desde a importância das práticas de herança ancestral até o respeito à sabedoria da família e dos idosos. O conceito de família se estende a pessoas queridas e respeitadas, chamando-se de tio ou tia a uma pessoa que se considera exemplar. Por exemplo, uma senhora conhecida como tia Luísa, uma contadora de contos no distrito de Limón. O núcleo familiar cuida da família, por exemplo se alguém requer ajuda a família está pronta para colaborar (para o cuidado das crianças, quando se perde um trabalho, quando se está em dificuldades econômicas, para dar apoio moral, etc.).
	Língua	Para o Bem Viver a imposição de uma língua que não seja a crioula (nativa), legítima uma cosmovisão legitimadora de poder (Acosta, 2016). A língua é a estrutura fundamental a partir da qual a experiência do mundo da vida é possível, desde onde construímos nossa identidade individual e coletiva (Vásquez-Carranza, 2019; 2020a; 2020b).	O crioulo limonense é uma língua de herança ancestral a qual é uma forma de transmissão de valores, união entre famílias, orgulho e identidade cultural. Se bem que esta língua vernácula tenha se debilitado nos últimos anos, ainda se escuta nas esquinas quando interagem pessoas afolimonenses. Apesar de ser uma língua nativa falada principalmente entre as pessoas idosas e maiores de 30 anos. Infelizmente não se faz um esforço consciente para fortalecer, revitalizar e manter esta língua, ainda que muitas pessoas jovens tenham mostrado hoje grande interesse pelo crioulo limonense e lamentam que não tenham sido ensinados na língua nativa desde sua origem.

Supra Dimensões	Dimensões/ Indicadores	Perspectiva epistemológica do Bem Viver	Perspectiva da comunidade Limón
Integral (harmonia com a natureza)	Natureza	A natureza é reconhecida como sujeito de direitos (Ecuador, 2017; Bolívia, 2008; Alcântara, Sampaio, 2020). Segundo Moraes e Morais (2020), o movimento de vida defende o trabalho de forma coletiva na comunidade, sem remuneração monetária, sendo que a principal recompensa para os membros é o bem-estar social, pois envolve toda a comunidade em um objetivo único, envolvendo a ajuda mútua e compartilhamento do território, reforçando o elo da comunidade familiar mesmo sem a existência de laços sanguíneos entre os membros.	Tem na natureza a manutenção da sua cultura no uso de plantas medicinais como ervas usadas para chás: <i>soessori</i> , folhas de manga, folhas de <i>guanábana</i> , folhas de limão, <i>tiva grass</i> , bambu, chá de <i>bush</i> ; plantas, tubérculos, frutas como: banana, inhame, <i>ñampi</i> , <i>yuca</i> , <i>haki</i> , fruta do pão, <i>kalalu</i> , leite de côco. O uso destas plantas está associado a harmonia, bem-estar e saúde física e mental da comunidade, ficando evidente nos diálogos da comunidade.

Fonte: Construção dos autores (2023)

Percebeu-se nesta análise que as comunidades afrolimonenses, principalmente a população mais jovem, se preocupa em reforçar e manter a cultura do crioulo limonense por ser uma forma de manter a união familiar e transmitir valores de herança ancestral. Também se ressalta como fator fundamental o apoio dos líderes comunitários às famílias, por meio da solidariedade, desde as diferentes denominações religiosas. Outro destaque refere-se a língua e as tradições do crioulo limonense (como o conto de Anancy), que para eles é algo de orgulho, ou seja, uma parte de sua herança e, portanto, parte da identidade cultural que deve ser resgatada e preservada.

Destaca-se durante o último fórum organizado pela Associação de Mulheres Afrodescendentes do Caribe da Costa Rica (AMAR), realizado em 27 de agosto de 2021, que os próximos eventos serão promovidos usando a língua crioula. Esta rede de mulheres propôs que, durante qualquer evento afro-costarriquenho, as palestras sejam feitas em crioulo limonense e traduzidas para o espanhol para os membros da comunidade que não o falem e entendam. Mas não só nos eventos que a língua deve ser usada, mas nos diálogos familiares e atividades comunitárias formais. Esta é uma grande iniciativa mostrando o esforço em manter a língua vernácula e revitalizá-la dentro da comunidade.

Esta conscientização da comunidade de resgatar valores outrora substituídos pelo paradigma da colonização e processos de globalização e desenvolvimento de cunho produtivista e consumista, na família, espiritualidade, cultura, gastronomia, língua e natureza, demonstra um processo de decolonização destacado por Walsh (2005; 2007) e um encontro com os princípios de harmonia do Bem Viver.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se frente ao objetivo de analisar indicadores de Bem Viver presente nas práticas socioculturais e ambientais da Comunidade Afrodescendente Limón de Costa Rica desde a perspectiva decolonial, que o pós-desenvolvimento busca estabelecer alternativas lógicas heterodoxas, no qual o objetivo econômico não é o fim, mas meio ou objetivo secundário, transcendendo ao modelo atual desenvolvimentista até um modelo de desenvolvimento inclusivo e equitativo, centrado na sustentabilidade, como o Bem Viver.

Desta forma, nota-se que muitos indicadores de Bem Viver estão presentes nas comunidades afrolimonenses de Costa Rica, tendo em vista que o conceito está relacionado com o Ubuntu e com a maneira de repensar o mundo em que vivemos, por meio de hábitos mais sustentáveis e interligados com a natureza, como modos de vida preservados por meio da língua, uso de plantas, vestimentas, espiritualidade, comida e tradições.

Conforme disposto no presente artigo, pode-se citar o uso das plantas pelos membros da comunidade como remédios naturais que contribuem para uma melhora da saúde física e espiritual, bem como a manutenção dos traços originários da sua cultura como o resgate língua crioula, tradições musicais como *calipso* e música gospel, respeito à família, manutenção dos ritos e costumes e manutenção da gastronomia. Embora se perceba traços coloniais como introdução da comida europeia e asiática, a comunidade mantém viva algumas características tradicionais da identidade cultural do povo afrolimonense.

Desta feita, nota-se que os valores ancestrais trazidos para a realidade atual contrapõem com o cenário de desenvolvimento colonizador, onde a exploração dos recursos naturais segue de forma desenfreada e sem limites. A prática do Bem Viver estabelecida nas comunidades afrodescendentes analisadas, demonstra a relação de equilíbrio entre desenvolvimento e natureza que passou a ser adotado na corrente pós-desenvolvimentista, denominada por Acosta (2016) “alternativas ao desenvolvimento”.

Assim, os temas levantados pelas comunidades limonenses, associados a alternativa de vida contra-hegemônicas, demonstram que a cosmovisão afrodescendente é um fator essencial para o bem-estar comunitário, e, mais que um processo de (re)existência é uma forma de resistência na manutenção de identidade cultural, cosmovisão, multidimensionalidade dos saberes, plurinacionalidade e interculturalidade, além de plataforma de espaço para o protagonismo dos povos afrodescendentes.

AGRADECIMENTOS E INFORMAÇÕES

Agradecimentos ao Centro de Investigación sobre Diversidad Cultural y Estudios Regionales, Sede de Occidente (CIDICER) da Universidad de Costa Rica (UCR) que sediou a pesquisa e a Universidade Regional do Mato Grosso (UFMT) pelo incentivo.

Este artigo é resultado do estudo realizado no escopo do projeto de pesquisa intitulado “*Prácticas y discursos del Buen Vivir presentes en la cosmovisión de las comunidades afrolimonenses*” em parceria com o Grupo de Pesquisa em Alternativas ao Desenvolvimento, Inovação e Sustentabilidade (GPADIS) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Brasil, e o *Centro de Investigación sobre Diversidad Cultural y Estudios Regionales, Sede de*

Occidente (CIDICER) da *Universidad de Costa Rica (UCR)*, com vigência de 01 de março de 2020 a 30 de dezembro de 2022. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê Ético Científico da UCR e assinatura de Termo de Consentimento dos entrevistados.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. Derechos de la naturaleza y buen vivir: ecos de la Constitución de Montecristi. **Pensamiento Jurídico**, n. 25, p. 21-27, 2009.
- ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante: 2016, 264 p.
- ALAMINOS, A. La medición del "Buen Vivir". In: GUILLÉN GARCÍA, Alejandro; CASANOVA, Mauricio Phélan (comp.). **Construyendo el Buen Vivir**. Cuenca, Ecuador: PYDLOS-Universidad de Cuenca, 2012, p. 163-178.
- ALAMINOS, A.; LÓPEZ, B. La medición del desarrollo social. **OBETS: Revista de Ciencias Sociales**, 4, p. 11-24, 2009. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/13390/1/Obets_4_02.pdf. Acesso em: 18 nov. 2021.
- ALCÂNTARA, L. C. S. SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? **Revista Meio Ambiente e Desenvolvimento**, v. 40, abr. 2017. Doi: 10.5380/dma.v40i0.48566
- ALCÂNTARA, L. C. S. SAMPAIO, C. A. C. **Bem Viver e Ecosocioeconomias**. 1. ed. Cuiabá: EdUFMT: 2019.
- ALCÂNTARA, L. C. S. SAMPAIO, C. A. C. Decrescimento na perspectiva das cidades em transição: resiliência e ética socioambiental. **Fronteiras. Journal of Social, Technological and Environmental Science** v. 10, n. 2, p. 81-96, 2021. Doi: <https://doi.org/10.21664/2238-8869>.
- ALCÂNTARA, L. C. S. SAMPAIO, C. A. C. Indicadores de Bem Viver: pela valorização de identidades culturais. **Revista Meio Ambiente e Desenvolvimento**, v. 53, p. 78-101, jan./jun. 2020. Doi: 10.5380/dma.v53i0.62963
- AYALA, A. B. Buen vivir con la naturaleza en las instituciones educativas: una necesidad en Boyacá, Colombia. **Culturales**, época II, v. 4, n. 2, 2016.
- BANEGAS, J. E. A.; CORDERO, M. A. G. El trabajo comunitario en La Práctica Del Buen Vivir: Comuna Manteña de Agua Blanca – Ecuador. **Trabalho necesario**, v. 16, n. 31, 2018.
- BARIÉ, C. G. Nuevas narrativas constitucionales en Bolivia y Ecuador. **El buen vivir y los derechos de la naturaleza**. Latino américa, México. 2014: p. 9-40.
- BOFF, L. **A grande transformação**: na economia, na política e na ecologia. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOLÍVIA. **Constitución Política del Estado Plurinacional de Bolivia**. 2009. Bolívia. Disponível em: <http://www.harmonywithnatureun.org/content/documents/159Bolivia%20Consitucion.pdf>. Acesso em: 11 out 2023.

CARTA ENCÍCLICA LAUDATO SI' DO SANTO PADRE FRANCISCO SOBRE O CUIDADO DA CASA COMUM. (2012). Roma. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 22 set 2023.

CASTILLO-SERRANO, D. Understanding our past in the school experience. Afro-Caribbean schools in Costa Rica. **Revista Intersedes**, v. 1, p. 61-77, 2000.

CATTEL, M. G. Ubuntu, African elderly and the African family crisis. **Southern African Journal of Gerontology**, v. 6, n. 2, p. 37-39, 1997.

ECUADOR. **Plan Nacional de Desarrollo 2017-2021: Toda una vida**. Quito: Secretaría Nacional de Planificación y Desarrollo. 2017. Disponível em: <https://observatorio-planificacion.cepal.org/sites/default/files/plan/files/EcuadorPlanNacionalTodaUnaVida20172021.pdf>. Acesso em: 11 out. 2023.

ESTEVA, G. Development. In: SACHS, W. **The Development Dictionary: a guide to Knowledge as power**. 12 ed. New York: Zed Books, 2007, p.143-145.

FERGUSON, J. **The anti-politics machine: “development”, depoliticization, and bureaucratic power in Lesotho**. Cambridge: Cambridge University Press: 1994.

G-20 DECLARATION. **G20 Rome Leaders' Declaration**. Roma: 2021. Disponível em: <https://www.g20.org/wp-content/uploads/2021/10/G20-ROME-LEADERS-DECLARATION.pdf>. Acesso em: 16 ago 2022.

GUDYNAS, E. Desarrollo, Derechos de la Naturaleza y Buen Vivir después de Montecristi. En: WEBER, Gabriela (ed.). **Debates sobre cooperación y modelos de desarrollo**. Perspectivas desde la sociedad civil en el Ecuador. Centro de Investigaciones CIUDAD y Observatorio de la Cooperación al Desarrollo, Quito, 2011, p. 83-102.

HERZFELD, A. De cómo el habla cotidiana de los limonenses llegó a categorizarse como idioma criollo: Recuerdos de una lingüista en su trabajo de campo. **Estudios de la Lingüística Chibcha** v. 35, p. 183-200, 2016.

HORKHEIMER, M. Teoria tradicional e teoria crítica. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Textos escolhidos**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural: 1991, p. 31-68.

IGBOIN, B. Colonialism and African cultural values. **African Journal of History Culture** v. 3, n. 6, p 96-104, 2011. Disponível em: <http://www.academicjournals.org/ajhc>. Acesso em: 03 fev 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y CENSOS (INEC). **X Censo Nacional de Población y VI de Vivienda 2011**. Resultados Generales. San José, Costa Rica. Mayo 2012. Disponível em: http://www.cipacdh.org/pdf/Resultados_Generales_Censo_2011.pdf. Acesso em: 06 out. 2023.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras: 2019.

LALANDER, R. Entre el ecocentrismo y el pragmatismo ambiental: Consideraciones inductivas sobre desarrollo, extractivismo y los derechos de la naturaleza en Bolivia y Ecuador. **Revista Chilena de Derecho y Ciencia Política**, v. 6, n. 1, 2015, p. 109 -152.

LATOUCHE, S. Decrescimento. Por que e como? In: **Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade**. Rio de Janeiro. Garamond: 2012.

MALDONADO, D. B. El constitucionalismo radical ambiental y la diversidad cultural en América Latina. Los derechos de la naturaleza y el buen vivir en Ecuador y Bolivia. **Revista Derecho del Estado**, n. 42, p. 3-23, 2019.

MAX-NEEF, M.; ELIZALDE; HOPENHAYN. **Human scale development: conception, application and further reflections**. New York: The Apex Print, 1991.

MORAES, I. A.; MORAIS, L. P. Política econômica no *Pachamamismo* do *Buen Vivir*: um estudo teórico. **Argumentos**, v. 17, n. 1, 2020.

MORALES, V. R. Z. Economía Comunitaria desde la Perspectiva Intercultural de Género para el Buen Vivir de los Pueblos “Otra Economía es Posible”. **Revista Ciencia e Interculturalidad**, a. 10, v. 21, n. 2, 2017.

NAÇÕES UNIDAS. **COP26. Cobertura especial da 26ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática**. 03 nov. 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/11/1769222>. Acesso em: 16 nov. 2021.

NAÇÕES UNIDAS. **Objetivos do desenvolvimento sustentável**. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br>. Acesso em: 17 set 2022.

NOBRE, M. Apresentação. In: HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. 2 ed. São Paulo: 2009.

PNUD. **Informe sobre Desarrollo Humano 2019**. Disponível em: http://www.hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_es.pdf. Acesso em: 18 set 2022.

RAYNAUT, C.; ZANONI, M. La construction de l'interdisciplinarité en formation intégrée de l'environnement et du développement. Paris: Unesco (Document préparé pour La Réunion sur les Modalités de travail de CHAIRES UNESCO DU. **Développement Durable**. Curitiba, 1 - 4 juillet, 1993, [mimeo].

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO 2020. **A próxima fronteira**. O desenvolvimento humano e o Antropoceno. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Lisboa, Portugal: 2020. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2020_pt.pdf. Acesso em: 09 jul. 2023.

RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 2019. **Além do rendimento, além das médias, além do presente:** Desigualdades no desenvolvimento humano no século XXI. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Lisboa, Portugal: 2019. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr_2019_pt.pdf. Acesso em: 09 out. 2023.

RIST, G. **The history of development from western origins to global faith.** 3 ed. Londres: Zed books, 2008.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir.** São Paulo: Vértice, 1986.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo.** Coimbra: Almedina, 2018b.

SANTOS, B. S.; CUNHA, T. Economias de bem viver: contra o desperdício da experiência. **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Edições 70, ago. 2022.

SANTOS, M. O. constitucionalismo pluralista do Bem Viver: a reação latino-americana ao paradoxo do desenvolvimento. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v.12, n.1, p. 125-153, 2018a, Doi: <http://doi.org/10.21057/10.21057/repamv12n1.2018.27730>

SECRETARIA NACIONAL DE PLANIFICACIÓN. **Plan de Creación de Oportunidades 2021-2025.** Quito: Ecuador, 2021. Disponível em: https://observatorioplanificacion.cepal.org/sites/default/files/plan/files/Plan-de-Creaci%C3%B3n-de-Oportunidades-2021-2025-Aprobado_compressed.pdf. Acesso em 06 mar. 2023.

SEN, A. Development as capabilities expansion. **Journal of Development Planning**, v. 19, p. 41–58, 1989.

SENPLADES - Secretaría Nacional de Planificación y Desarrollo. **Plan Nacional de Desarrollo 2017-2021.** Toda una Vida. Quito, Ecuador, 2017.

SENPLADES. **Plan Nacional para el Buen Vivir 2009-2013.** Quito, 2009.

SENPLADES. **Plan nacional para el buen vivir 2013-2017.** Quito, 2013.

SILVA, F. P. Comparando conceitos da periferia global: por uma tipologia dos sentidos de ubuntu e de bem viver - **Revista Izquierdas**, v.49, p. 3524-3544, Mayo 2020.

THE INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). **AR6 Synthesis Report: Climate Change 2022.** 2021. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-cycle/>. Acesso em: 17 out 2023.

TORRES-SOLIS, M. *et al.* Buen vivir y agricultura familiar en el Totonacapan poblano, México. **ÍCONOS Revista de Ciencias Sociales**, v. 24, n. 68, (3er. cuatrimestre), p. 135 - 154. 2020.

TORTOSA-MARTÍNEZ, J.; CAUS-PERTEGAZ, N.; MARTÍNEZ-ROMÁN, M. A. Vida Triste y Buen Vivir según personas adultas mayores en Otavalo, Ecuador. **Convergencia**, v. 21, n. 65, 2014.

VÁSQUEZ-CARRANZA, L. M. Enero-junio. Señales de resistencia: El criollo en la provincia de Limón, Costa Rica. **Revista Fórum Identidades**, v. 29, n. 1, p. 147-167, 2019.

VÁSQUEZ-CARRANZA, L. M. Resistance or forgetting: Limonese Creole of Limon province, Costa Rica. **Revista Letras**, Universidad Nacional. 2020a

VÁSQUEZ-CARRANZA, L. M. **Signals of resistance to maintain Limonese Creole in Costa Rica**. (Manuscript submitted for publication). 2020b.

WALSH, C. (Re)pensamiento crítico y (De)colonialidad. En: Walsh, C. (Ed.). **Pensamiento crítico y matriz (de)colonial**. Reflexiones latinoamericanas. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar Ediciones Abya-Yala, 2005.

WALSH, C. Interculturalidad, colonialidad y educación. **Revista Educación y Pedagogía**, v. 19, n. 48, 2007.

WALSH, C. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)**, v. 5, n. 1, jan./jul. 2019. Doi: <https://doi.org/10.15210/RFDP.V5I1.15002>.